



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA LUZIA ESTADO DE MINAS GERAIS

Projeto de Lei.º – 2023

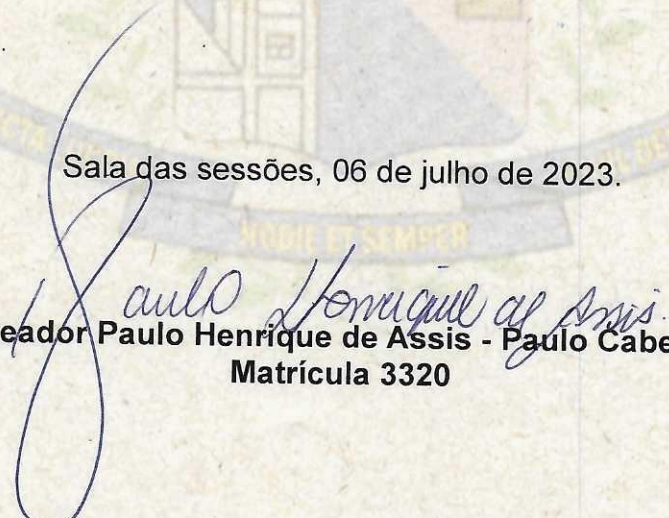
Concede o título post mortem de Cidadão Honorário ao Ilustríssimo Senhor, “Pai da Aviação”, Alberto Santos Dumont.

O Vereador Paulo Henrique de Assis – Paulo Cabeção, no uso de suas atribuições legais, apresenta ao plenário a seguinte proposição:

Art. 1º Fica concedido o Título Post Mortem de Cidadão Honorário ao **Ilustríssimo Senhor, “Pai da Aviação”, Alberto Santos Dumont.**

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das sessões, 06 de julho de 2023.


Vereador Paulo Henrique de Assis - Paulo Cabeção
Matrícula 3320

Paulo Cabeção
Matrícula 3320
Vereador
Câmara Municipal de Santa Luzia

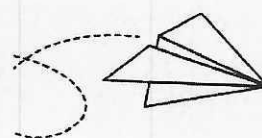




Santos Dumont

— 150 ANOS DE NASCIMENTO —

CIDADÃO LUZIENSE



Vereador
Paulo Henrique
Cabeção



Autenticar documento em <https://spl.cmsantaluzia.mg.gov.br/autenticidade>
com o identificador 320034003600370036003A005000, Documento assinado digitalmente conforme
MP nº 2.200-2/2001, que institui a Infra-estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

BIOGRAFIA

Alberto Santos-Dumont nasceu no dia 20 de julho de 1873, no sítio Cabangu, no Distrito de Palmira, em Barbacena, MG. Filho de Henrique Dumont, engenheiro civil de obras públicas e, mais tarde, cafeicultor em Ribeirão Preto, SP, e de Francisca Santos Dumont, filha de tradicional família portuguesa vinda para o Brasil com D. João, em 1808.

O pai Henrique, de ascendência francesa, teve papel fundamental na trajetória do filho Alberto, pois percebendo nele o fascínio pelas máquinas – que existiam em grande quantidade na fazenda Andreúva – direcionou os estudos do rapaz para a mecânica, a física, a química e a eletricidade, não fazendo questão que ele se formasse em engenharia, como foi o caso dos outros filhos.

Em 1891, Alberto contando 18 anos, emancipado pelo pai, foi para Paris completar os estudos e perseguir o seu sonho de voar, surgido aos 15 anos com a visão, nos céus de São Paulo, de um balão livre (balões livres são aqueles que fazem sua ascensão sem possuir nenhum tipo de dirigibilidade, ficando ao sabor das correntes aéreas). Ao chegar em Paris, Alberto se admira com os motores de combustão interna a petróleo que começavam a aparecer impulsionando os primeiros automóveis e compra um para si, esquadrinhando todo o seu funcionamento. Logo estava promovendo e disputando as primeiras corridas de automóveis em Paris.

Com a morte do pai um ano depois, o jovem Alberto sofre um duro golpe emocional, mas as palavras do velho Henrique não foram esquecidas. Alberto continua os estudos e não se deixa levar pelos encantos perigosos da Cidade-Luz.

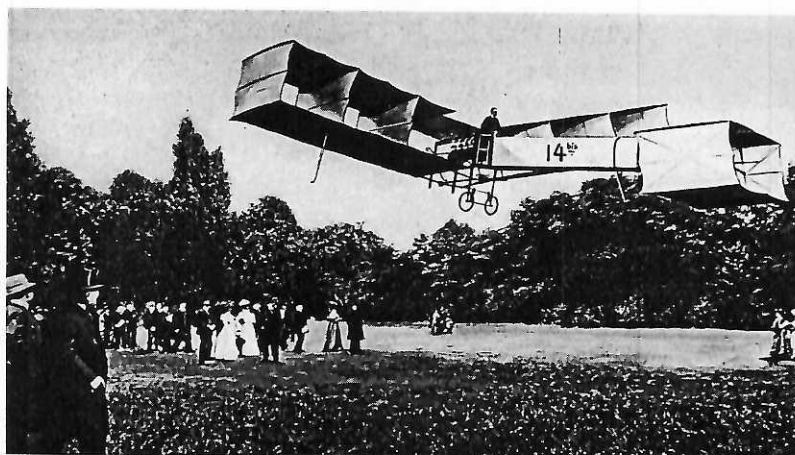
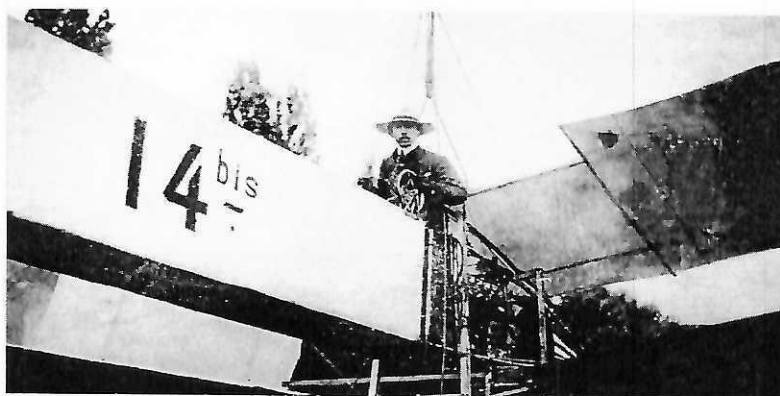
Em 1897, Alberto, já conhecido como Santos-Dumont pelos próximos, faz seu primeiro vôo num balão livre alugado. Um ano depois projeta e constrói, com a ajuda de operários e construtores de balões franceses, seu primeiro balão livre, o “Brasil”, homenageando sua pátria. Logo em seguida, associando os leves motores de combustão interna a petróleo a seus leves balões e construindo engenhosos lemes, Santos-Dumont inventa os balões dirigíveis: Balão 1, Balão 2, Balão 3, Balão 4, Balão 5, Balão 6, que se sucedem em prêmios no Aeroclube de França e sucesso na imprensa européia, na imprensa norte-americana e no Brasil. O inventor agora é o centro das atenções, despertando o interesse militar para seus balões.

Em 1905, na platéia de uma corrida de lanchas num quente verão em Cote D’Azur, Santos-Dumont avista uma potente lancha com motor Antoinette de 24 HP, e começa aí a planejar o mais-pesado-que-o-ar. Aproveitando o sucesso dos planadores e em especial o planador cubo de Hargraves, o inventor constrói o primeiro avião, o 14 bis, com o motor Antoinette, usando o balão nº 14 para testes de estabilidade. Já em 7 de setembro de 1906, o 14 Bis deu um primeiro salto no ar, mas faltou potência. Em 23 de outubro, com motor Antoinette de 50 HP, o 14 Bis voou, decolando, mantendo-se no ar por uma distância de 60 metros, a três metros de altura e aterrisou. Era o primeiro voo homologado do mais-pesado-que-o-ar, para uma multidão de testemunhas eufóricas no campo de Bagatelle. Toda a imprensa francesa no dia seguinte louvou o fato histórico. Era o triunfo de um obstinado brasileiro e a conquista do prêmio Archdeacon oferecido pelo Aeroclube de França. O dinheiro do prêmio foi distribuído para seus operários e os pobres de Paris, como era o costume do inventor.

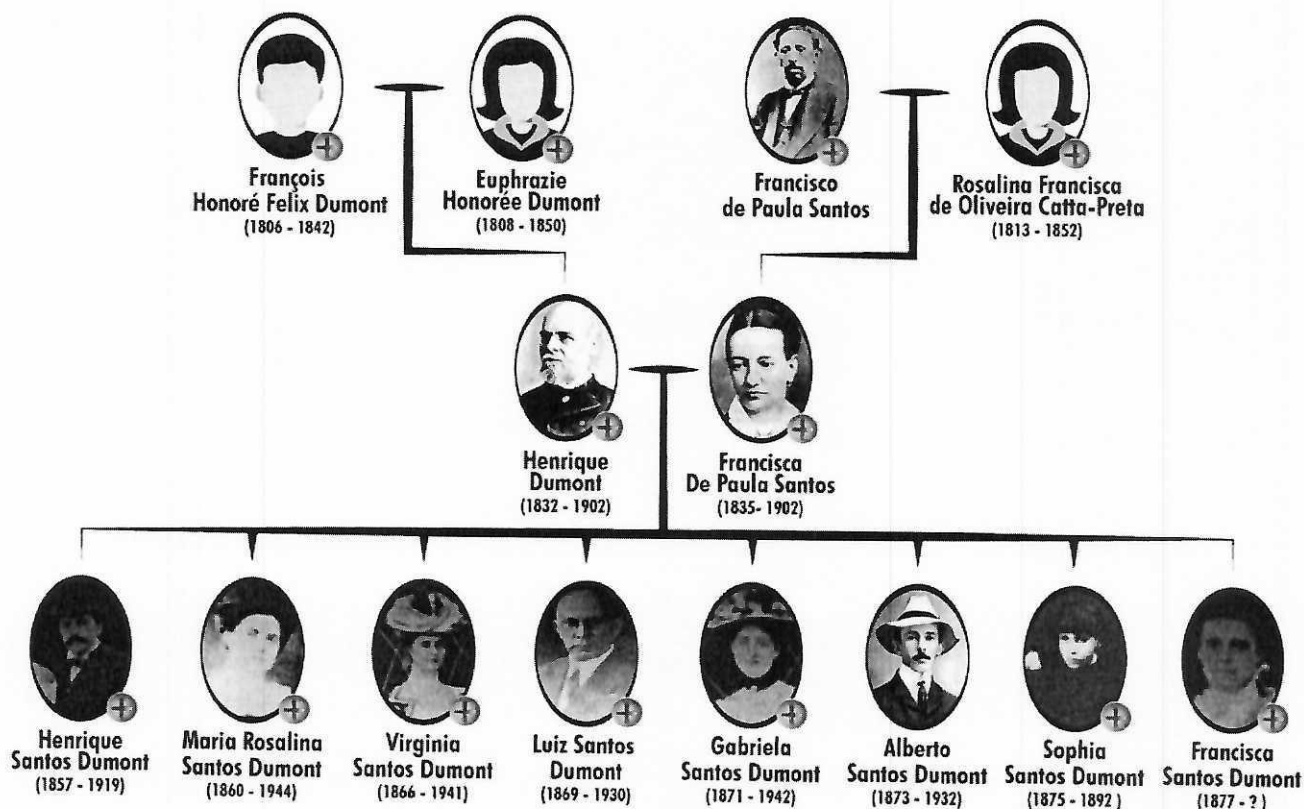


Santos-Dumont recebeu diversas homenagens por toda a Europa, nos EUA e América Latina, em especial no Brasil, onde foi recebido com festas e euforia. Seus projetos foram aperfeiçoados por outros aviadores e projetistas, já que ele não os patenteava e não desejava adquirir bens materiais com suas invenções, mas idealizava dotar a Humanidade com meios de facilitar as comunicações, desgostando-se com o uso agressivo que o avião teve na I Guerra Mundial. Ainda projetando, vemos Santos Dumont construir o avião nº19 e nº20, conhecido como Demoiselle, com grande sucesso.

Em 1909, cansado e com a saúde já abalada por tantos perigos – afinal era projetista, financiador, construtor e piloto de testes de suas aeronaves – Santos-Dumont resolve deixar de lado os projetos aeronáuticos, recebendo, até a sua morte, em 23 de julho de 1932, muitas e merecidas homenagens no Brasil e no exterior, inclusive o justo epíteto de “O Pai da Aviação”.



A FAMÍLIA DE ALBERTO SANTOS DUMONT



Pelo lado materno, Santos Dumont descendia de portugueses, pois seu bisavô, o médico da corte Dr. Joaquim dos Santos, veio para o Brasil na mesma época em que Dom João se trasladou para o Brasil com a Coroa portuguesa, fugindo das guerras napoleônicas. Um dos filhos do Dr. Santos, Francisco de Paula Santos, já brasileiro, radicou-se em Ouro Preto, então florescente capital da Província de Minas, e iria ser avô do “Pai da Aviação”. Sua esposa, Dona Rosalina era ouropretana, bem como, todos os seus filhos.

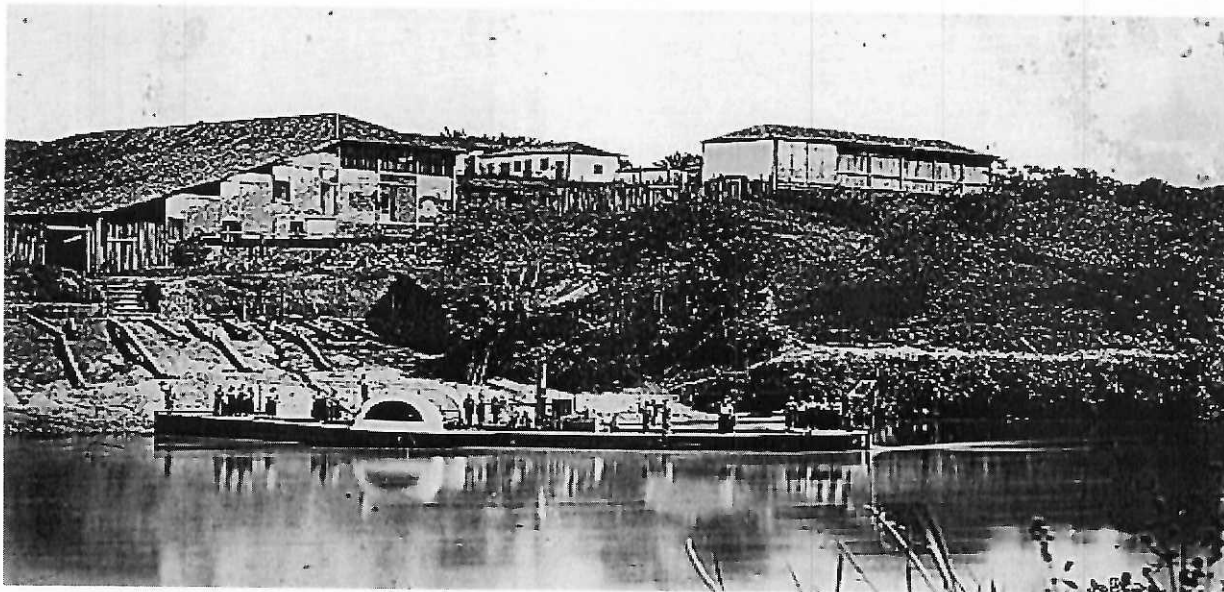
Pelo lado paterno, Santos Dumont era de descendência francesa, pois que seu avô, o parisiense François Dumont, veio para o Brasil em companhia de sua esposa, Dona Eufrásia François Honorée Dumont, filha de rico ourives de Bordeaux, na primeira metade do século XIX, e se estabeleceram em Diamantina, com negócios de mineração de ouro e lavra de diamantes. Por coincidência, e na mesma época, outras famílias francesas vieram estabelecer-se em Minas Gerais. Um dos filhos do casal, Henrique - que seria o pai de Alberto Santos Dumont, e nascido em Diamantina em 1832, foi muito cedo levado para a França por um seu padrinho, francês, que residia em Diamantina. Em Paris, Henrique cursou a Escola Central de Engenharia, onde se diplomou, voltando ao Brasil, e radicando-se primeiramente em Ouro Preto,



capital da Província de Minas Gerais. Ali conheceu então a jovem Francisca Paula Santos, filha do abastado negociante e minerador Paula Santos, filho do Dr. Joaquim Santos, médico da Corte. O Comendador Paula Santos era homem de fortuna, de muito conceito e muito “sistemático”, segundo os biógrafos de seu ilustre genro. O casamento de sua filha Francisca com o jovem engenheiro, diplomado na França, Dr. Henrique Dumont, se deu em 1856 em Ouro Preto, onde nasceram os dois primeiros filhos: Henrique e Maria Rosalina. O Dr. Henrique trabalhou alguns anos em Ouro Preto, em mineração, com o sogro, mas pouco depois desejou trabalhar por conta própria, e em sua profissão. Adquiriu da Coroa em sociedade com seu sogro, Comendador Paula Santos, a grande Fazenda da Jaguara, de alguns milhares de alqueires, situada nas margens do Rio das Velhas, no município de Santa Luzia/MG. Supunha ali encontrar ouro e outros metais, mas encontrou apenas (mas em grande quantidade), calcáreo, e madeiras; estas vendia à Mina do Morro Velho, de Congonhas do Sabará, hoje Nova Lima. Na mesma época em Sabará, trabalhou como engenheiro da Estrada de Ferro Dom Pedro II, na construção do novo trecho, principalmente na execução de uma ponte de madeira sobre o Rio das Velhas. Também a antiga ponte de madeira sobre o mesmo Rio, que dava acesso à cidade de Santa Luzia, teria sido construída pelo Dr. Henrique Dumont. Na Fazenda da Jaguara nasceram mais três filhos do casal, Gabriela, Virgínia e Luis. Interrompidos os trabalhos da Mina de Morro Velho, em 1872, devido a incêndio e conseqüente desmoronamento, O Dr. Henrique resolveu vender a Jaguara ao Dr. George Chalmers, inglês, Diretor-Superintendente da Mina e deixar o município de Santa Luzia/MG. Na construção de outro trecho da Estrada de Ferro Dom Pedro II, entre Barbacena e Juiz de Fora, o Dr. Henrique ficou responsável por uma parte, situada na acidentada Serra da Mantiqueira. E para lá se mudou em com a família em fins de 1872, construindo uma casa (residência do engenheiro), no local conhecido como “Cabangu”, no Distrito de João Gomes. Foi ali que aos 20 de julho de 1873, nasceu o 6º filho do casal, Alberto, que seria mais tarde o ilustre brasileiro, “Pai da Aviação”.

Santos Dumont, nascido em Minas Gerais, iria residir pouco tempo em Cabangu. Terminados os trabalhos de construção do trecho ferroviário confiado a seu pai, a família se mudaria para o estado do Rio de Janeiro, para se estabelecer em fazenda de café, na localidade de Casal, Município de Valença. O Dr. Henrique resolvera se afazendar novamente. A fazenda de café, em Valença, que era em sociedade com o sogro, fez a propriedade do Dr. Henrique, cuja família se viu aumentada de mais 2 filhos: Sofia e Francisquinha. Eram, agora, oito filhos ao todo. A fama das “terras roxas” do interior paulista chegou até o conhecimento do fazendeiro do estado do Rio, que acabou adquirindo uma grande gleba na região de Ribeirão preto, denominada “Arindeúva”. Quando o Dr. Henrique deixou Valença, em 1878, para ser fazendeiro de café em São Paulo, já levou nada menos de 80 escravos, e 300 contos de réis, verdadeira fortuna na época.





Porto da Fazenda Jaguará localizado, em Santa Luzia do Rio das Velhas, e o barco a vapor em testes, construído por Henrique Dumont. (Foto de A. Riedel, 1869)



Fachada dos fundos da antiga fazenda Jaguará Velha, antes Santa Luzia do Rio das Velhas, atual Matozinho/MG)



(Ruínas da antiga fazenda Jaguará Velha, antes Santa Luzia do Rio das Velhas, atual Matozinho/MG)



Vistas as biografias da família de Alberto Santos Dumont, e do próprio “Pai da Aviação”, detalhes ou meses, separaram o inventor do avião de ter nascido em solo luziense.

Dados biográficos: Câmara Municipal de Santos Dumont/MG e Centro Documental da Aeronáutica / Força Aérea Brasileira – FAB / Cronologia de Alberto Santos-Dumont, por Tenente Brigadeiro do Ar Lavanere

